

## BENTO TEIXEIRA E SUA OBRA NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E NA FICÇÃO HISTÓRICA BRASILEIRA

Bruno Marques Duarte  
FURG

Na *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, o poeta Bento Teixeira Pinto aparece historiado no capítulo dois, “Primeiras manifestações literárias”, e analisado no subcapítulo “Os versejadores”. A partir de uma perspectiva evolucionista e teleológica, o historiador divide a história da literatura brasileira em dois períodos: o colonial e o nacional. Desse modo, Veríssimo narra o percurso do sentimento nativista desde a época colonial, a sua consolidação no Romantismo, e o seu auge em Machado de Assis, epílogo da obra. Observa-se, nessa história literária, o modelo narrativo de ascensão crescente do sentimento nacional, tido como o herói desse enredo. Nesse processo evolutivo, Veríssimo adota a perspectiva de análise estética da literatura, conceituando-a como sinônimo de Belas Letras. De acordo com o historiador, a *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira, constitui o primeiro indício do germe nacional nativista, originado no final do século XVI (VERÍSSIMO, 1963, p. 7).

Trata-se de um poema de noventa e quatro oitavas, organizado pela divisão dos cantos em números romanos (I-XCIV), em versos decassílabos, permeado de referências, imitações e paródias de *Os Lusíadas* (1572). A obra de Bento Teixeira não apresenta uma unidade de ação definida, o título provém da voz de Proteu, que enuncia os feitos e a fortuna, ambos idealizados, dos Albuquerque, particularmente de Jorge, o terceiro donatário da capitania de Pernambuco. Portanto, considera-se um poema laudatório, encomiástico, que bajula a personalidade histórica de Jorge de Albuquerque Coelho. Para Veríssimo, a obra “não tem mérito algum de inspiração, poesia ou forma. Afora sua importância cronológica de primeira produção literária publicada de um brasileiro, pouquíssimo valor tem” (VERÍSSIMO, 1963, p. 30). Conforme o historiógrafo, o poeta era medíocre ou muito jovem e inexperiente quando a escreveu, dado que sua linguagem poética não apresenta nenhuma singularidade e seu estilo traz todos os problemas da poesia portuguesa da época, baseada em referências mitológicas e classicistas.

Depreende-se que o poema foi composto na década de 1590, pois Jorge de Albuquerque Coelho ainda estava vivo nos últimos anos dos quinhentos. Entretanto, inexitem dados concretos da biografia de Bento Teixeira, tão-somente sabe-se que viveu em Pernambuco, sendo perito na poética e história. Apesar dos dados biográficos fragmentários, a *Prosopopeia* representa a primeira manifestação do gênio literário brasileiro, um “poema relativo a coisas da terra embora ainda sem emoção que lhe dê maior relevo e significação” (VERÍSSIMO, 1963, p. 35).

*A literatura no Brasil*, coleção composta de seis volumes, organizada e dirigida por Afrânio Coutinho, consiste num trabalho histórico literário escrito por vários colaboradores. Nota-se que a perspectiva teórico-metodológica de análise, também se fundamenta em critérios de ordem estética, da mesma forma que a periodização adotada, estilística. Assim sendo, o historiador estabelece os períodos estéticos Barroco, Romântico, Realista etc. como divisão e organização cronológica da literatura no percurso do tempo. Para Afrânio Coutinho, a origem da literatura brasileira data do

momento em que o homem europeu pôs os pés em solo nacional, sofrendo o fenômeno da “obnubilação brasileira”, tese de Araripe Júnior<sup>9</sup>. Portanto, Coutinho marca o início da literatura brasileira com as obras de José de Anchieta, no período do Barroco.

O poeta Bento Teixeira aparece no volume dois, que aborda duas eras: o Barroco e o Neoclassicismo. O escritor está enquadrado no primeiro período estético, no capítulo “As origens da poesia”<sup>10</sup>, e examinado no subcapítulo “Poesia épico-narrativa. A *Prosopopeia*”. De acordo com Domingos Silva, Bento Teixeira, cristão-novo, vindo do Porto, produziu no nordeste brasileiro uma poesia de canto único, de características renascentistas, a *Prosopopeia*, impressa em 1601, na cidade de Lisboa. Adotando o mesmo sistema métrico e estrófico de *Os Lusíadas*, numa linguagem permeada de fórmulas camonianas, o poema “peca, porém, pelo excesso de referências mitológicas já descoloridas pelo uso, pela incapacidade de comover e pela frequência de versos mal medidos ou mal acentuados”. Em contrapartida, o historiador sublinha que o livro traz um “Soneto *Per eccos*, ao mesmo Senhor Jorge de Albuquerque Coelho”, escrito em espanhol, que, talvez, pode ser o primeiro soneto produzido no Brasil (SILVA, 1986, p. 48).

Na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, Bento Teixeira está situado no capítulo dois, “Ecos do Barroco”, e analisado no subcapítulo “A *Prosopopeia* de Bento Teixeira”. Depreende-se que Bosi emprega a periodização estilística cronológica e, mediante a dualidade metrópole-colônia, distingue “textos de informação” de “textos literários”, estes tendo seu início no Barroco, com Bento Teixeira e Gregório de Matos. De acordo com o historiógrafo, Bento Teixeira nasceu em Portugal, na cidade do Porto, em 1561. Sendo cristão-novo, é o primeiro caso de intelectual leigo na história do Brasil. Formou-se e foi docente no Colégio da Bahia, depois fugiu para Pernambuco, onde teve problemas judiciais por ter assassinado a esposa. A escrita da *Prosopopeia* data desse período, pois o autor precisava urgentemente da intervenção dos influentes da época. Porém, após ser acusado de práticas judaizantes, foi preso e julgado pela Inquisição. Antes de morrer, confessa e renuncia ao catolicismo (BOSI, 2006, p. 36).

Para Bosi, o poemeto em oitavas heroicas *Prosopopeia*, de 1601, é um dos primeiros exemplos de maneirismo no Brasil colônia. Na análise, o historiador reitera que o poeta imitou *Os Lusíadas* na estrutura composicional, na mitologia e na sintaxe. Da mesma forma o objetivo, que era louvar Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernambuco. Entretanto, discorda de José Veríssimo ao sublinhar que as partes do poema “Descrição de Recife de Pernambuco”, “Olinda celebrada” e o canto dos feitos de Albuquerque Coelho, que reconhecem a terra enquanto colônia, não expressam o referido sentimento nativista (BOSI, 2006:36).

Na obra *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*, de José Guilherme Merquior, o poeta aparece ligeiramente no subcapítulo “O estilo de seiscentos: Vieira e Gregório de Matos”, parte integrante do capítulo “A literatura da era barroca no Brasil (até c. 1770)”. O historiador estabelece três preceitos básicos para a sua escrita histórico-literária: acessibilidade a um público amplo de leitores, seletividade dos escritores mais representativos e a análise crítica centrada no texto (MERQUIOR, 2014, p. 31-34).

Filiando-se teoricamente aos historiadores José Veríssimo e Afrânio Coutinho, Merquior também fundamenta o exame da literatura no tempo em critérios estéticos, organizando igualmente os períodos da história literária brasileira em termos estilísticos. Todavia, o autor não abdica de narrar o contexto histórico de produção das obras, o que inclui fatos políticos, econômicos e sociais.

<sup>9</sup> Ler: ARARIPE Jr., T.A. *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EdUSP, 1978.

<sup>10</sup> Capítulo escrito por Domingos Carvalho da Silva (1915-2004), advogado, jornalista, escritor e professor.

Constata-se o esquema narrativo de ascensão e declínio, pois o herói é a “literatura nacional”, que tem sua ascensão no Romantismo, sobretudo em Gonçalves Dias, e o seu declínio nas escolas posteriores. A propósito do português Bento Teixeira, Merquior apenas ressalta que no “insípido” poema épico *Prosopopeia*, ainda que seja uma obra laudatória, calcada no modelo de *Os Lusíadas* e nas *Metamorfoses* de Ovídio, encontra-se nela, uma poesia de inspiração brasileira (2014, p. 57-58).

Em *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*, de José Aderaldo Castello, obra composta por dois volumes, Bento Teixeira está inserido no capítulo “Parte I – As fundações: o 1º Período ou período colonial”, do primeiro volume, e examinado no subcapítulo “Poetas seiscentistas: Bento Teixeira, Manuel Botelho de Oliveira, Gregório de Matos”. Baseando-se na relação homem-terra, depois indivíduo-pátria, o pesquisador registra que a literatura brasileira organiza-se sucessivamente em quatro etapas principais: o nativismo no período colonial, o nacionalismo romântico, o neonacionalismo e a brasilidade, ambos constituídos no século XX. A definição de literatura brasileira, suas origens e evolução, são analisadas por meio dos conceitos de “influxos externos” e “influxos internos”. O primeiro denota as influências literárias estrangeiras vindas para o Brasil; o segundo, o desenvolvimento da reação literária autóctone nacional (CASTELLO, 2004, p. 18-21).

Castello escreve uma história da literatura evolutiva, teleológica e positivista, baseada nos conceitos referentes à raça, ao meio e ao momento histórico, comparável a metodologia de Hipólito Taine, todavia, com uma linguagem atualizada. Nota-se ainda, que tal método vincula-se a questão do desenvolvimento nacional, formulado por Veríssimo. A propósito da divisão desse percurso, que vai do nativismo à brasilidade, o historiador emprega três critérios para organização da narrativa: a história política do Brasil, o nome dos escritores elegidos e os períodos estilísticos. Nessa obra, ressaltam-se os conceitos de “autor-síntese” e “obras-síntese”, que Castello utiliza para caracterizar os escritores e as obras relevantes da literatura brasileira.

De acordo com o historiador, no poemeto *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, além do caráter encomiástico, comum à época, observa-se também a transplantação do universo mitológico para a paisagem americana. No autor, evidencia-se uma formação literária falha, além disso, “a ação administrativa e a pacificação de lutas entre colonizadores e índios da parte do homenageado e louvado ainda eram matéria insuficiente para as intenções do poeta”. Bento Teixeira é caracterizado como um escritor isolado, cuja obra constitui a primeira expressão literária brasileira de influências camonianas e da clássica quinhentista, sendo reconhecida “na história literária em posição retomada pela poesia do movimento academicista e também por árcades ou neoclássicos” (CASTELLO, 2004, p. 77).

Portanto, retomando o exposto, a historiografia literária brasileira novecentista caracteriza Bento Teixeira como professor, escritor medíocre e inexperiente, cristão-novo, de origem portuguesa, nascido no Porto. Também foi brasileiro, residindo na colônia, considerado o primeiro intelectual na história do Brasil, sendo perito na poética e história. Em relação a sua célebre obra, a *Prosopopeia*, impressa na cidade de Lisboa, em 1601, os historiadores a consideram um poema de características renascentistas, de orientação clássica e destituído de qualidades literárias, pois imita o formato de *Os Lusíadas*, de Camões, e as *Metamorfoses*, de Ovídio.

No plano temático, é uma composição laudatória, encomiástica, que lisonjeia a personalidade histórica de Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernambuco. Porém, o poema apresenta o primeiro indício do elemento nacional nativista, visto que, em algumas passagens, descreve aspectos da terra brasileira, sobretudo a capitania de Pernambuco e a cidade de Olinda. Além disso, o poema *Per eccos*, ao mesmo Senhor Jorge de Albuquerque Coelho, escrito

em espanhol, pode ser o primeiro soneto escrito no Brasil. No entanto, de modo geral, constata-se que a *Prosopopeia* tem importância mais histórica do que literária, visto que é a primeira produção poética de um brasileiro publicada em Portugal.

Em 1993, Luzilá Gonçalves Ferreira<sup>11</sup> publicou o romance histórico *Os rios turvos*, ficção que se organiza em torno de três temas: a deterioração do relacionamento amoroso entre Bento Teixeira e sua esposa, Filipa Raposa; a vida e os costumes dos judeus migrados para o Brasil colônia; e a presença marcante da Inquisição na sociedade colonial. Nesse conjunto, agrega-se ainda a reconstrução ficcional de determinados momentos da vida do escritor, em uma combinação hábil de biografia e ficção, uma vez que há muitas lacunas na história do referido poeta.

A obra apresenta-se estruturada em vinte e três capítulos, de dimensões variadas e sem títulos; uma Nota de introdução e uma passagem da confissão de Bento Teixeira à Inquisição. O texto “Nota” esclarece de imediato, para o leitor, o procedimento intertextual de referências históricas e literárias que estão na base da escrita do romance histórico de Luzilá Ferreira. Assim sendo, a autora menciona o *Diálogo das grandezas do Brasil*, o *Valeroso Lucideno*, os autores Gil Vicente e Camões, e as antigas canções da Península Ibérica. Inclui-se ainda, o livro *Gente da nação*, do historiador José Antonio Gonsalves de Mello, que fez a escritora conhecer a personagem histórica Filipa Rosa (FERREIRA, 1993, p. 7).

Ainda que a autora não mencione na nota citada, há epígrafes e citações, em alguns capítulos, de *Os amores*, de Ovídio, e da *Prosopopeia* de Bento Teixeira. As epígrafes de Ovídio aparecem em latim e traduzidas, as de Bento Teixeira em português, que, quando mencionadas, relacionam-se semanticamente com a ação narrada no capítulo. A obra não apresenta uma intriga cronologicamente linear, tão pouco uma ordem sequencial dos fatos; ao contrário, caracteriza-se por ser fragmentária, elíptica, desordenada, tendo avanços e recuos que prejudicam o entendimento da trama, permeada de digressões e *flashbacks*. Entretanto, constata-se um equilíbrio entre os modos de narrar sumário e a cena dialógica nas páginas do romance.

A narrativa apresenta um narrador onisciente intruso na terceira pessoa e inicia-se *in medias res*, na cidade de Olinda, com a personagem Filipa Raposa denunciando seu marido, Bento Teixeira, ao inquisidor português Heitor Furtado de Mendonça. Adiante, a ficção encerra-se citando o canto LXXI, da *Prosopopeia*, que dialoga de forma sutil com as circunstâncias trágicas e desafortunadas do referido poeta. Além disso, nesse epílogo, o narrador afirma que, em 1601, a Santa Inquisição liberou a publicação, em Lisboa, da “primeira edição da *Prosopopeia*, seguida do *Naufrágio* que passou Jorge de Albuquerque Coelho e do soneto *Per Eccos*” (FERREIRA, 1993:213). Este último, conforme Domingos da Silva em *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, foi, talvez, o primeiro soneto produzido no Brasil.

Antes do primeiro capítulo, o escritor é apresentado aos leitores por meio de uma fonte primária, ou seja, o texto que relata a confissão de Bento Teixeira em Pernambuco, em 1594:

Aos 21 dias do mês de janeiro de 1594, nesta Vila de Olinda, Capitania de Pernambuco, nas casas da morada do Senhor Visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça, perante ele pareceu sem ser chamado, dentro no tempo da graça, Bento Teixeira. E por querer confessar suas culpas recebeu juramento dos Santos Evangelhos em que pôs sua mão direita, sob o cargo do qual prometeu dizer a verdade. E disse ser cristão-novo natural da Cidade do Porto, filho de Manuel de Alvares de Barros, cristão-novo, e de sua mulher Leonor Rodrigues, cristã-nova, defuntos, de idade de 33 anos, casado com Filipa Raposa, cristã-velha, mestre de ensinar moços o latim e ler e escrever, morador ora nas terras de João Paes no Cabo, freguesia de Santo Antonio. (FERREIRA, 1993, p. 9)

<sup>11</sup> Luzilá Gonçalves Ferreira (1936-), escritora e professora.

No documento histórico citado, o personagem é caracterizado como mestre no ensino de latim, cristão-novo, natural da cidade do Porto, filho de cristãos-novos, porém casado com uma cristã-velha, Filipa Raposa. Para quem conhece a história de vida de Bento Teixeira, a passagem principia os problemas que ele terá com a Inquisição portuguesa na colônia brasileira. A distinção entre judeus convertidos ao catolicismo (cristãos-novos) e católicos sem filiação judia (cristãos-velhos) será um dos fatores que desencadeará o conflito entre o poeta e a sua esposa, também escritora: “Citas o Velho Testamento, Bento. Mas eu pertenço à Segunda Aliança, e te citarei o Novo Testamento: não tornes imundo o que Deus purificou” (FERREIRA, 1993, p. 81).

No romance, tanto Filipa Raposa quanto Bento Teixeira marcam presença como protagonistas. No entanto, nota-se que o foco narrativo incide mais sobre a personagem feminina, que é caracterizada e idealizada como uma mulher sedutora, insaciável sexualmente, de olhos verdes que fascinava homens e mulheres, de inteligência incomum para os padrões da época, de personalidade e beleza acentuadas, que

parecia ter sido traçado por um artista, um artista chegado a perfeição de sua arte, anos e anos a desenhar, a burilar, a arquitetar formas, a imaginá-las antes que existissem; e a torná-las concretas, feitas de pedras, palavras, tinta e sonho para chegar àquela perfeição final. (FERREIRA, 1993, p. 60)

A propósito da caracterização de Bento Teixeira, na ordem linear do cronotopo de ação da narrativa, os pais do poeta, Dona Leonor Rodrigues e Manuel Álvares de Barros, chegam ao Espírito Santo fugindo da Inquisição em Portugal, cuja política também havia decretado a expulsão dos judeus. Buscando melhores oportunidades financeiras e qualidade de vida para os filhos, a família muda-se para a vila de Salvador, na Bahia de Todos os Santos. Nesse lugar, Bento Teixeira foi assegurado pelo bispo Dom Antonio Barreiras, que lhe forneceu roupas, livros e sustentou-o nos estudos. Estimulou o futuro poeta a aprender latim e a fazer leituras: “trechos do breviário, escritos dos padres da igreja e muitas vezes, os clássicos, gregos e latinos”, tais como “as aventuras de Eneias, de Ulisses, ou as *Metamorfoses* de Ovídio” (FERREIRA, 1993, p. 27).

No colégio da Companhia de Jesus, Bento Teixeira fizera algumas amizades, que, mais tarde, quando interrogado pela Inquisição, testemunhariam em seu favor. No romance em pauta, o Tribunal do Santo Ofício representa uma instituição opressora, que atua de modo onipresente no cotidiano da sociedade colonial, sobretudo para o poeta, que se preocupava por ser de origem familiar judia e cristão-novo: “o fantasma da Inquisição, sempre pronto a surgir em meio às conversas, nos sermões de cada domingo, nos próprios sonhos que o faziam despertar em plena noite, transpirante” (FERREIRA, 1993, p. 39).

Observa-se que não só os pesadelos, mas também determinadas ações de Bento Teixeira funcionam na narrativa como um recurso teleológico. Nesse sentido, as circunstâncias narradas relacionam-se a todo o momento com o fato de o poeta ter sido preso e julgado pela Inquisição no fim da vida. Conforme o narrador, na vila de Salvador, o escritor sofreu e agiu de modo a dar lugar a acusações que lhe seriam atribuídas mais tarde, por atos que realizou, sem pensar que fossem heréticos, mas que, mais tarde, serviriam para condená-lo. Um desses atos foi a tradução do latim ao português do “Deuteronômio” a pedido do sobrinho Antonio Teixeira (FERREIRA, 199, p. 29).

Após casar-se com Filipa Raposa na cidade de Ilhéus, Bento Teixeira passa a ser caracterizado como um escritor não hábil no uso da palavra poética. Sua esposa o assistia sentado, às vezes, à mesa da sala, com o olhar perdido, a buscar a frase, a palavra que lhe daria a chave de um soneto. Em contrapartida, a sua mulher sentada no leito, o aguardava escrevendo várias trovas, que a ela saíam de maneira fácil e leve. No percurso da narrativa, Filipa Raposa transforma-se na

principal antagonista de Bento Teixeira, pois o marido se abisma com o perfil culto da esposa, que recitava com facilidade versos dos poetas clássicos: Ovídio, Camões etc. Em virtude de uma educação religiosa machista, o escritor receava diante das mulheres, pois, conforme os padres da época, delas emanavam o pecado: “Foi Eva que tentou primeiro ao nosso pai Adão” (FERREIRA, 1993, p. 62).

A questão de Bento Teixeira plagiar as obras clássicas, sobretudo Camões, aparece mais de uma vez na instância da narrativa. Numa noite, em discussão com a esposa, não resistindo, ela o chama de “plagiador descarado e poeta medíocre” (FERREIRA, 1993, p. 22). Em outro momento, defendendo-se das acusações de plágio, o escritor responde para Filipa Raposa: “as pessoas me lerão e respeitarão, com o respeito com que lemos Gil Vicente. E os inimigos se calarão, e todos me honrarão” (FERREIRA, 1993, p. 24). Contudo, como vimos na historiografia literária brasileira, o poeta conserva-se na posteridade por razões históricas e não inteiramente pelas qualidades estéticas da *Prosopopeia*.

O romance também descreve o período em que Bento Teixeira escreveu a *Prosopopeia*, enquanto exercia a docência na cidade de Olinda. Estando Filipa Raposa na casa dos pais, o escritor podia dedicar-se às suas leituras até altas horas da noite. Durante as tardes, quando o último aluno saía, o poeta sentava-se e escrevia poemas religiosos e sonetos em louvor da paisagem. Bento Teixeira percebe, então, que precisava fixar-se definitivamente em Pernambuco, para isso necessitava também da simpatia e proteção dos grandes da terra. Portanto, escreveu um longo poema de louvor ao donatário da capitania, Jorge de Albuquerque Coelho:

Aquele seria um grande canto em louvor à terra e aos da terra. Cantaria as paisagens e os heróis, descreveria Pernambuco, seu porto, sua cidade, sua gente. Como os outros grandes poemas do mesmo tipo, teria um prólogo em que anunciaria seu intento, invocando as musas, como o haviam feito Virgílio e Camões. Em seguida viria a narração, a descrição do Recife de Pernambuco. E no canto de Proteu ele cantaria os Albuquerque e a olindesa gente. Seria um poema onde abundariam as figuras mitológicas, em que a erudição do autor se veria a cada verso, em que as metáforas, antíteses, anáforas, criaram um clima grandiloquente, própria a se cantar heróis. Colocaria nele invocações, personificações. Dirigir-se-ia aos elementos mais diversos, como o faziam os grandes poetas: a sorte, os fados, o destino que dirige os homens. (FERREIRA, 1993, p. 38)

O escritor tentou publicá-lo no Brasil, mas nem os próprios Albuquerque tinham se interessado pelo poema, desse modo, o poeta guardou-o consigo. Na vida conjugal, o relacionamento afetivo entre Bento Teixeira e Filipa Raposa arruína-se gradativamente na intriga romanesca. O título da obra, *Os rios turvos*, denota a relação conflituosa das duas personagens, conforme se verifica no momento em que se discute uma suposta traição da esposa, o marido enuncia: “Nada Filipa. Nessas águas turvas navego mal” (FERREIRA, 1993, p. 55). Também aponta as questões humanas contraditórias do Barroco, que oscilava entre as necessidades humanas terrenas e a procura de Deus para a solução dos problemas interiores e a purificação da alma. Nesse caso, Filipa Raposa associa-se à luxúria e aos prazeres do corpo, enquanto que Bento Teixeira representa o comportamento ascético por meio da cultura religiosa.

Em virtude das supostas traições da esposa e da insegurança que Bento Teixeira experimentava diante dos admiradores de sua mulher, o casal começou a se mudar com frequência, passando por Igarassu, Olinda, até fixarem-se no Cabo de Santo Agostinho, última morada em que viveram juntos. Entretanto, os rumores de que Filipa Raposa praticara o adultério com o padre Duarte Pereira, induzem o marido a assassiná-la: “Ihe enterrava no flanco o punhal. E então com suas próprias mãos liquidava aquele amor pelo qual vivera” (FERREIRA, 1993, p. 194).

Depois, suspeito de práticas judaizantes, em 12 de agosto de 1595, o poeta recebe ordem de prisão e a seguir iniciam-se os julgamentos. Bento Teixeira organiza os documentos para sua defesa, expondo seus conhecimentos. No dia 22 de outubro, de 1595, o poeta é mandado para Lisboa. No Tribunal, ele reconhece sua culpa e abdica de suas ações e crenças, tendo em vista a liberdade, mas Lisboa torna-se o seu cárcere final. Em 1600, o autor morre na prisão, “de um só golpe se apagaram em seu espírito os atos lascivos que praticara a mulher, e suas traições, e as denúncias que dele fizera ao Santo Ofício” (FERREIRA, 1993, p. 210).

Nessa ficção histórica, encontra-se o tema da inadequação do personagem ao seu destino e à sua situação. Bento Teixeira configura-se como um protagonista marginalizado, que a todo o momento foge da sina de ser capturado pela Inquisição, dado que era cristão-novo. Além disso, a metaficção e a intertextualidade estão presentes nos diálogos das personagens centrais, especialmente quando elas discutem a escrita dos poemas e trovas. Desse modo, o romance apresenta as referidas características da metaficção historiográfica delineadas por Linda Hutcheon.

Em virtude de haver muitas lacunas na biografia do escritor, a autora pôde fabular com mais liberdade na reconstrução ficcional da vida do primeiro poeta do Brasil. Bento Teixeira é caracterizado na narrativa como iroso, briguento, ciumento, inseguro perante a esposa; contudo, tal mimese não modifica substancialmente o que já se sabe a seu respeito, ou seja, que se formou no colégio dos jesuítas, era cristão-novo, esquivava-se da Inquisição, foi autor medíocre e inexperiente, que imitou a forma dos escritores renascentistas, sobretudo *Os Lusíadas*, de Camões. Portanto, conclui-se que essa ficção histórica reitera as principais características configuradas a propósito de Bento Teixeira e sua obra nas histórias da literatura brasileira.

Trata-se de uma personagem transposta de modelos anteriores, que Luzilá Ferreira reconstituiu por documentação histórica, sobre os quais a sua imaginação trabalhou. Do mesmo modo, sucede com a origem da sua obra, publicada postumamente, a *Prosopopeia*, de 1601, destinada em adular a figura histórica de Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, que aparece inserida de maneira orgânica na trama. Além disso, o romance também apresenta e delinea para o leitor as principais partes estruturais do referido poema épico-narrativo.

Publicado em 1995, *O primeiro brasileiro*, de Gilberto Vilar<sup>12</sup>, é o segundo romance histórico a ficcionalizar a personalidade histórica do poeta Bento Teixeira. O autor expõe, no extenso subtítulo, o objetivo e a síntese da narrativa: “Onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão-novo, desbocado e livre, primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição”. Portanto, de modo oposto a Luzilá Ferreira, que desvelou a condição da mulher na sociedade colonial, a obra de Vilar centra-se exclusivamente no referido escritor, tornando-o único protagonista dessa ficção histórica.

O romance reconstrói a vida do autor em vinte capítulos, na qual cada um deles apresenta um longo título que não só resume, mas também antecipa sua ação, similar ao referido subtítulo do romance, como por exemplo: “Capítulo 3 – Onde se descreve a pessoa do poeta e se fala da sua ascendência, da sua vinda para o Brasil, primeiro para a Capitania do Espírito Santo e depois para a Bahia” (VILAR, 1995, p. 35). A estilística literária de Gilberto Vilar refere-se à forma como eram escritas as crônicas coloniais na época das Grandes Navegações. Tal formato proporciona o efeito de antiguidade no texto, assemelhando-o a um documento da época, como se o leitor estivesse em contato com uma fonte histórica primária do período.

<sup>12</sup> Gilberto Vilar de Carvalho (1928-), historiador e escritor.

A obra apresenta ainda duas epígrafes e uma nota introdutória que antecedem a narrativa. A primeira menciona quatro versos da *Prosopopeia* — poema largamente citado e inserido de forma orgânica na trama — sublinha a importância de se manter na memória coletiva a ação heroica dos antigos. Nesse caso, refere-se, evidentemente, à manutenção do cânone de Bento Teixeira, considerado o primeiro poeta brasileiro a ter obra publicada em Portugal. A segunda epígrafe é uma passagem de Frei Caneca, a qual aponta os problemas historiográficos intrínsecos na recuperação biográfica de alguma personalidade histórica, enfatizando o caráter subjetivo e discursivo do historiador nesse processo. Na nota introdutória, as palavras e frases que estão entre aspas no romance são extraídas de obras do século XV e XVI, sobretudo dos seguintes documentos da Inquisição: *Confissões da Bahia, 1591-1592, Denúncias de Pernambuco, 1593-1595, e processo nº 5.206*, do Cartório da Inquisição, de Lisboa. (VILAR, 1993:6)

Da mesma forma que *Os rios turvos*, a ação narrativa de Gilberto Vilar também inicia-se *in media res*, na data 20 de janeiro de 1594, momento em que Bento Teixeira morava em Olinda e estava escrevendo a famosa *Prosopopeia*. A cidade é descrita como um espaço multicultural e cosmopolita, permeada de oportunidades e povoada de portugueses da metrópole, mazombos, brasisos, judeus, índios mansos, negros da Guiné, mouros, flamengos e ingleses. Porém, como no romance de Luzilá Ferreira, “a Inquisição estava lá, e batia às portas de todo mundo. O medo imperava” (VILAR, 1995, p. 8).

A propósito da estrutura narrativa e desenvolvimento da intriga, Gilberto Vilar, após o primeiro capítulo, que se inicia no meio da história, organiza os próximos dezenove na ordem cronológica da ação, apresentando breves recuos e avanços na trama, mas sem nunca confundir o leitor do que está ocorrendo em cena. O narrador está no modo onisciente intruso na terceira pessoa e interfere na história com comentários explícitos. Inclusive discute as lacunas da documentação histórica, tornando-as parte do relato biográfico e ficcional. Desse modo, surgem teorias e interpretações em torno das origens de Bento Teixeira:

Quando inquirido pela Visitação de Olinda e pela Inquisição de Lisboa, afirmou que nascera na cidade do Porto. Mas há quem jure que nasceu mesmo foi em Olinda, apesar de alguns garantirem, com ar de mofa, que foi em Muribeca que ele viu a primeira luz do dia. Outros fazem teoria quando afirmam que toda essa confusão era esperteza do próprio Bento. No Brasil, para livrar-se dos apertos da Inquisição, declarava-se reinol e portuense, como São Paulo, o Apóstolo, que lembrava aos seus algozes que era cidadão romano. [...] Quando andava por Igarassu, pela Barreta e pelo Cabo, era mais bonito se dizer do Porto. O ano de nascimento de Bento também era discutido. Varia entre 1559, 1560, 1561 e 1562. O ano de 1561 é o mais provável, dizem os peritos. Sobre o dia e o mês nada se sabe.(VILAR, 1995:35-36)

Os comentários do narrador conferem ao romance um tom histórico ensaístico, de tal maneira que se apresenta de forma monológica, visto que há uma voz narrativa proeminente perante as outras, ou seja, a voz do narrador se mantém acima, hierarquicamente, das vozes das personagens. Constata-se o uso acentuado do modo narrativo sumário em detrimento da cena dialógica. A título de exemplo, no capítulo dois, a partir de duas ideias da *Prosopopeia*: “a memória do acontecido e a procura dos meios acomodados para se chegar ao fim”, o narrador instaura um interlúdio na intriga para descrever a história dos costumes e do povo da colônia brasileira até o ano de 1590 (VILAR, 1993, p. 17).

A narrativa desenvolve-se basicamente em torno de dois tópicos: a história de vida do poeta Bento Teixeira e a Inquisição portuguesa. No percurso da história, o romance insinua para o leitor, em algumas passagens, o conflito iminente entre ambos: “A Inquisição estava em Olinda e o dia de Bento chegara. Era esperado. Mas a certeza, sempre é mais temerosa. Já o haviam denunciado na

Bahia, sem consequências” (VILAR, 1995, p. 8). Portanto, pode-se afirmar que a ficção de Vilar também emprega o recurso teleológico, pois relaciona os fatos precedentes com a posterior prisão de Bento Teixeira pelo Tribunal do Santo Ofício. Porém, não com a mesma intensidade que ocorre em *Os rios turvos*, que a usa em quase toda a composição discursiva do romance.

Desde o início da narrativa, o narrador apresenta as seguintes características sociais e ideológicas do protagonista: homem inteligente, letrado, língua-solta, sabedor de Homero, de Virgílio, de Gil Vicente e de Camões. Este último, por sinal, causava frenesi entre os letrados de Pernambuco, sobretudo em Bento Teixeira, que lia, recitava e comentava *Os Lusíadas*. Na taverna, o escritor enuncia que está construindo uma grande obra, um poema que irá fazê-lo eterno: “Vou reunir os grandes deuses do Olimpo, a eles e às suas cortes, em louvação desta terra amada de Pernambuco, e vou obrigá-los a cantar as glórias do nosso bem-amado Jorge d’Albuquerque” (VILAR: 1993, p. 10).

Nessa parte, surge novamente a questão do plágio quando um personagem secundário, Antônio da Rosa, interlocutor do protagonista, profere: “está bem claro que imitas Camões...”. Todavia, o poeta argumenta que cópia e imitação são conceitos distintos, visto que o próprio Camões também imitou Homero e Virgílio, nem por isso deixou de criar algo novo. O mesmo pretende Bento Teixeira quando enuncia: “Eu não copio. Não acho que seja vergonhoso imitar a quem tem tanto valor” (VILAR, 1993, p. 11). Em outro momento, o poeta sublinha que finalmente descobriu um título para o seu poema. Conforme o protagonista, o vocábulo “prosopopeia” vem de duas palavras gregas, *prosópon*, que quer dizer pessoa, e *poién*, que significa fazer, criar. Consiste numa figura retórica pela qual o autor confere vida aos objetos inanimados e pessoas ausentes ou falecidas. O escritor afirma: “vou dar vida aos deuses, para que eles falem pelos mares, pelas pedras e pelo grande capitão ausente Jorge de Albuquerque, para louvor de Pernambuco” (VILAR, 1993, p. 84).

O romance também aponta as seguintes características físicas do primeiro poeta do Brasil: um mancebo alto, grosso, de pouca barba, rosto triangular, tinha uma cicatriz no lado direito da testa, pequenas rugas nos cantos dos olhos, por um tempo andou com vestidos compridos e barrete de clérigo. No colégio dos Padres era um “aluno aplicado, de boa cabeça e de memória fácil” (VILAR, 1993, p. 39). O narrador, além de sintetizar o desenvolvimento do personagem, também ressalta a sua identidade, considerada nacional:

Dividido a vida entre o Colégio dos Padres e a aventura real e não mais sonhada, bem ligeiro Bento já era um autêntico “brasilo” e se esquecia de Lisboa, que se foi esmaecendo na lembrança, foi se apagando, até desaparecer. Aos 15 anos era quase homem feito, rude como seu pai, na pele e na musculatura, vivo como ele só, na inteligência e ladinece. Aos 17 era homem completo. (VILAR, 1993, p. 42)

No percurso da trama, o narrador analisa determinadas passagens do poema épico-narrativo relacionando-as com a biografia do poeta, sugerindo que as experiências contidas na vida do autor são fundamentais para compreensão de sua obra. Portanto, esse romance histórico reitera o caminho biográfico/psicológico de exame da literatura de Bento Teixeira:

Já sabia a *Prosopopeia* toda de cor. Estava ali muito de sua vida, às vezes sob o disfarce da história que contava dos seus ídolos e heróis. Frequentemente, aqueles versos eram suas próprias dores, suas experiências, seus fracassos... A poesia é assim. Descrevera a canseira das batalhas, o canto já triste da covardia ou do desânimo, logo que lhe veio a certeza das traições da esposa. Nos versos, se misturaram. (VILAR, 1993, p. 160)

Em contrapartida, a esposa do escritor quase não marca presença na narrativa, apenas como personagem secundária, sendo caracterizada de adúltera e insaciável, que trai o marido com vários

amantes, uma vez que Bento Teixeira era, conforme Filipa Raposa: “um homem mal condicionado” (VILAR, 1993, p. 134). Em uma discussão tensa entre o casal, permeada de acusações e provocações, o poeta, conduzido pela ira, corta a garganta de sua esposa. De acordo com o título do capítulo dez, Bento Teixeira foi impelido a assassiná-la: “Onde se conta como uma mulher pode se aprimorar na arte de levar um homem ao desespero a ponto de, dessa vez, ele ter de matá-la” (VILAR, 1993, p. 133).

Apesar de apresentar um foco narrativo diferente, *O primeiro brasileiro* repete várias informações sobre a vida de Bento Teixeira que foram expostas em *Os rios turvos*, tais como: o fato de a sua família fugir de Portugal para o Brasil, em virtude das perseguições contra os cristãos-novos; ser preso depois pela Inquisição e enviado para Lisboa, permanecendo encarcerado por alguns anos. Depois, termina por confirmar as acusações do Santo Ofício e renunciar ao judaísmo. Por fim, o poeta pereceu “calado, humilde, pacato, obediente e pobre, aquele que em Pernambuco era conhecido como o ‘solto da língua’, o ‘controversista brilhante’, o livre pensador, o ‘ladino’, o ‘rixento’, o alegre ‘fazedor de sonetos, de trovas e de farsas’”, morreu sem ver sua obra ser publicada (VILAR, 1993, p. 250).

No final da obra, têm-se o fac-símile do prólogo e da folha de rosto da 1ª edição da *Prosopopeia*; autógrafos de Bento Teixeira em duas datas, 1596 e 1599; uma imagem dos três tipos de sambenitos, que eram as roupas usadas pelos hereges. O terceiro modelo, vestimenta do poeta, apresenta desenhos de chamas invertidas, significa que o réu tinha se libertado da morte na fogueira. Gilberto Vilar também exibe a carta de licença para a publicação da *Prosopopeia*, passada pela mesa do Santo Ofício, em 20 de março de 1601; um quadro cronológico dos principais acontecimentos históricos no Brasil, na América e na Europa, ao lado da biografia de Bento Teixeira; e, por último, têm-se ainda algumas notas históricas e a lista das obras consultadas para a escrita do romance.

Verifica-se nessa segunda construção mimética a respeito de Bento Teixeira que o personagem escritor é caracterizado em torno de atributos exclusivamente positivos, livre de pensar e de dizer, sem transparecer nenhum defeito enquanto poeta e homem que viveu na colônia. Essa representação, portanto, denota uma idealização romântica sobre a personalidade de Bento Teixeira por parte de Gilberto Vilar, como pode-se observar no título contraditório do capítulo doze: “onde são descritas três fracassadas tentativas de fuga, apesar de não haver nenhuma falha nos seus planos”. (VILAR, 1993, p. 153)

O próprio título do romance histórico, *O primeiro brasileiro*, aponta o caráter nacionalista do autor para com a história da literatura, bem como salienta a importância de ele ser o primeiro luso-brasileiro a ter uma obra publicada em Portugal, a *Prosopopeia*, de 1601. Desse modo, Bento Teixeira, configurado na historiografia literária brasileira como escritor medíocre, inexperiente e de formação literária falha, é redimensionado por Gilberto Vilar, a partir de uma idealização romântica, sustentada por um discurso histórico ufanista, no qual Bento Teixeira, no final do século XX, é exaltado tal como louvou, na época colonial, Jorge de Albuquerque Coelho. Portanto, enquanto Luzilá Ferreira deprecia a personalidade do poeta e/ou reafirma as suas falhas como ser humano e escritor, em oposição, Gilberto Vilar o enaltece, de modo que altera, pela via romanesca, o juízo de valor estabelecido pela historiografia literária brasileira a propósito do autor e sua obra.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.  
 CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. Vol. I e II. São Paulo: EDUSP, 2004.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Os rios turvos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio Janeiro: Imago, 1991.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. São Paulo: É Realizações, 2014.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Ed. da UnB, 1963.

VILAR, Gilberto. *O primeiro brasileiro*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

SILVA, Domingos Carvalho da. As origens da poesia. COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed. da UFF, 1986.

